

Húmus

RAUL BRANDÃO



RAUL BRANDÃO

Húmus

Primeira publicação: 1917
Edição de domínio público

JVA Editora

Nota de editor: Devido à existência de erros tipográficos neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Maio 2012)



RAUL BRANDÃO

HUMUS

2.^a EDIÇÃO

EDITORES

ANNUARIO DO BRASIL—RIO DE JANEIRO

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

Julio Vaz





Reservados todos os direitos de reprodução nos países que adheriram á Convenção de Berne; Brasil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912; Portugal: Decreto de 18 de Março de 1911.

HUMUS

DO AUTOR

EDIÇÕES DA RENASCENÇA PORTUGUESA

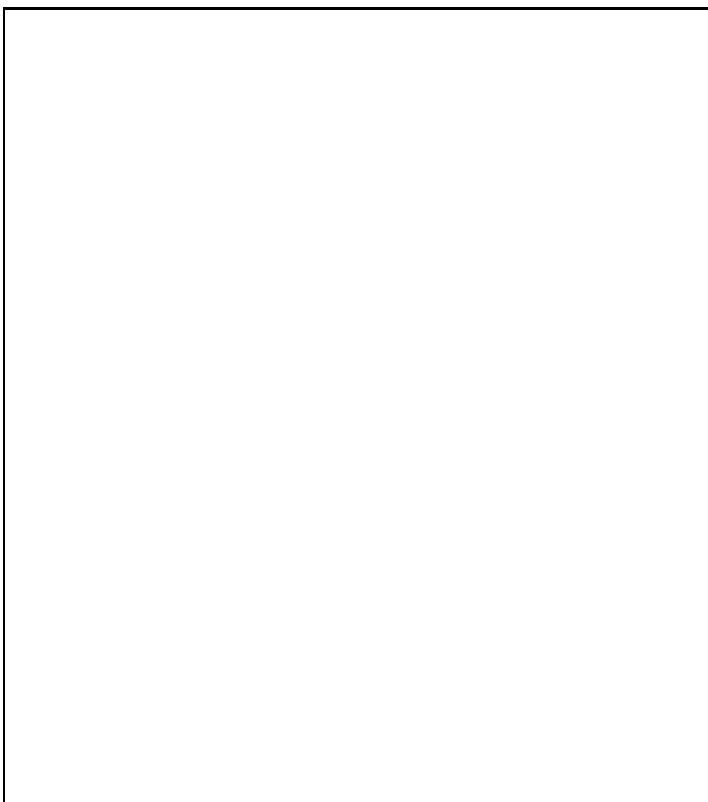
O Cerco do Porto, contado por uma testemunha, o Coronel Owen—Prefacio e notas (2.^a ed.).

1817—A Conspiração de Gomes Freire (3.^a ed.).

El-Rei Junot (2.^a ed.).

Memorias, 1.^o vol. (2.^a ed.).

Humus (2.^a ed.).



RAUL BRANDÃO

HUMUS

O que tu vês é bello;
mais bello o que
suspeitas; e o que
ignoras muito mais
bello ainda.

D'UM AUTOR DESCONHECIDO.

2.^a EDIÇÃO



EDITORES
RENASCENÇA PORTUGUESA—PORTO
ANNUARIO DO BRASIL—RIO DE JANEIRO

AO MESTRE COLUMBANO

A VILLA

Ouço sempre o mesmo ruido de morte que devagar roe e persiste...

Uma villa encardida—ruas desertas—pateos de lages soerguidas pelo unico esforço da erva—o castelo—restos intactos de muralha que não teem serventia: uma escada encravada nos alveolos das paredes não conduz a nenhures. Só uma figueira brava conseguiu meter-se nos intersticios das pedras e d'ellas extrae succo e vida. A torre—a porta da Sé com os santos nos seus nichos—a praça com arvores rachiticas e um coreto de zinco. Sobre isto um tom denegrido e uniforme: a humidade entranhou-se na pedra, o sol entranhou-se na humidade. Nos corredores as aranhas tecem imutaveis teias de silencio e tedio e uma cinza invisivel, manias, regras, habitos, vae lentamente soterrando tudo. Vi não sei onde, n'um jardim abandonado—inverno e folhas seccas—entre buxos do tamanho d'arvores, estatuas de granito a que o tempo corroera as feições. Puira-as e a expressão não era grotesca mas dolorosa. Sentia-se um esforço enorme para se arrancarem á pedra. Na realidade isto é como Pompeia um vasto sepulchro: aqui se enterraram todos os nossos sonhos... Sob estas capas de vulgaridade ha talvez sonho e dôr que a ninharia e o habito não deixam vir á superficie. Afigura-se-me que estes sêres estão encerrados n'um involucro de pedra: talvez queiram falar, talvez não possam falar.

Silencio. Ponho o ouvido á escuta e ouço sempre o trabalho

persistente do caruncho que roe há seculos na madeira e nas almas.

15 DE NOVEMBRO

As paixões dormem, o riso postiço creou cama, as mãos habituaram-se a fazer todos os dias os mesmos gestos. A mesma teia pegajosa envolve e neutralisa, e só um ruido sobreleva, o da morte, que tem deante de si o tempo ilimitado para roer. Há aqui odios que minam e contraminam, mas como o tempo chega para tudo, cada anno minam um palmo. A paciencia é infinita e mete espigões pela terra dentro: adquiriu a côr da pedra e todos os dias cresce uma polegada. A ambição não avança um pé sem ter o outro assente, a manha anda e desanda, e, por mais que se escute, não se lhe ouvem os passos. Na apparencia é a insignificancia a lei da vida; é a insignificancia que governa a villa. É a paciencia, que espera hoje, amanhã, com o mesmo sorriso humilde:—Tem paciencia—e os seus dedos ageis tecem uma teia de ferro. Não há obstaculo que a esmoreça.—Tem paciencia—e rodeia, volta atraz, espera anno atraz d'anno, e olha com os mesmos olhos sem expressão e o mesmo sorriso estampado. Paciencia... paciencia... Já a mentira é d'outra casta, faz-se de mil côres e toda a gente a acha agradável.^[4]Pois sim... pois sim... Não se passa nada, não se passa nada. Todos os dias dizemos as mesmas palavras, cumprimentamos com o mesmo sorriso e fazemos as mesmas medidas. Petrificam-se os habitos lentamente acumulados. O tempo moe: moe a ambição e o fel e torna as figuras grotescas.

Reparem, vê-se daqui a villa toda... Lá está a Adelia, o Pires e a Pires